

A etnologia de Egon Schaden

Roque de Barros Laraia

Universidade de Brasília

No ano do centenário do nascimento, em Santa Catarina, do professor Egon Schaden (1913-1991), é oportuno homenageá-lo com uma revisão, ainda que parcial, de sua obra antropológica. Transcorridos vinte e dois anos de seu falecimento, uma parte considerável de nossa atual comunidade acadêmica não teve a oportunidade de conviver com o professor Schaden, que, por muitos anos, foi o titular da Cátedra de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, de onde se aposentou em 1967, tendo se transferido para a Escola de Comunicação e Artes, onde trabalhou até sua aposentadoria compulsória em 1983.

Muitas pessoas estão aptas a realizar uma análise global da obra de Egon Schaden – como, por exemplo, o professor João Baptista Borges Pereira – e com certeza terão muito mais a dizer do que eu. Dessa maneira, escolhi, nesta minha homenagem, fazer uma avaliação do que considero seus três principais trabalhos, tendo em vista a dificuldade de, no espaço de um artigo, avaliar toda a extensa bibliografia do nosso homenageado. Não é uma escolha original, entretanto, tendo em vista que Borges Pereira (1994) já tinha afirmado, referindo-se a Schaden: “as suas três grandes pesquisas correspondem às suas teses de doutorado (*A mitologia heroica das tribos indígenas do Brasil*, São Paulo, Edusp, 1989), livre-docência (*Aspectos fundamentais da cultura Guarani*, São Paulo,

EPU/Edusp, 1974) e cátedra (*Aculturação indígena*, São Paulo, Pioneira, 1969) ”.

A primeira edição de *A mitologia heroica de tribos indígenas do Brasil* ocorreu em 1945, com uma tiragem muito limitada, a que não teve acesso. Utilizarei, portanto, a edição de 1959, publicada pelo Ministério da Educação e Cultura, Serviço de Documentação, Rio de Janeiro.

Antes de Schaden, poucos antropólogos escreveram sobre aspectos de nossa mitologia indígena: Herbert Baldus (1935), Paul Ehrenreich (1905), Alfred Metraux (1931) e Nimuendajú (1914 e 1915). Mas, salvo engano, o texto de Schaden foi o primeiro a ser escrito em português, além de ser o mais abrangente. Em seu trabalho, pretende muito mais do que descrever as narrativas míticas de alguns grupos brasileiros, já que busca a realização de uma análise antropológica das narrativas míticas, tarefa esta que realizou em um período anterior à influência levistraussiana nos estudos realizados no Brasil. Com efeito, ao contrário da situação atual, em que é praticamente impossível realizar o estudo de mitos sem se referir a Claude Lévi-Strauss, Schaden realizou seu trabalho utilizando-se de autores mais antigos, os quais ele frequentemente critica. É interessante notar que o texto em análise foi publicado exatamente dez anos antes da publicação do artigo de Lévi-Strauss, “The Structural Study of Myth”. Cumpre-nos acentuar que o embasamento teórico de Schaden é primeiramente de autores alemães, alguns dos quais foram esquecidos depois da Segunda Guerra Mundial. Contudo, ele não deixa de citar os principais antropólogos, brasileiros ou estrangeiros, que realizavam pesquisas no Brasil nos anos 1930 e 1940.

Não caberia, no espaço desta homenagem, uma ampla discussão sobre o conteúdo total do livro. Por isso, nos limitaremos a uma tentativa de compreender a concepção de mito adotada pelo autor, ou seja, como Schaden define sua posição no pensamento antropológico de sua época.

O livro tem dez capítulos, em que são apresentados numerosos grupos indígenas. No primeiro capítulo, o autor discute as teorias vigentes sobre os mitos, deixando bem claro seu posicionamento. Refuta, fortemente, o posicionamento de Frazer (1931: 8), que considerava os mitos como “fósseis do espírito”, ou seja, antigas narrativas cujos significados se perderam no decorrer do tempo. Critica um posicionamento evolucionista, que admitia a possibilidade das chamadas “sobrevivências culturais” – possibilidade esta que Schaden somente admitia no caso das culturas das civilizações extintas. Enfatiza a importância de se estudar a dinâmica mitológica em “sua relação com a atualidade social” e acredita que exista um forte vínculo entre o mito e o contexto etnográfico, o que é possível pela conciliação da narrativa com as mudanças que ocorrem na sociedade em que é contada.

Em uma postura funcionalista – tão comum na época –, admite que os mitos possam ser transferidos de uma cultura para outra, adquirindo novas significações, “como também mudar de função, de acordo com a configuração cultural em que se integram” (Schaden, 1959[1945]: 14). Concorda, como a maioria dos autores de sua época, que

o mito propriamente dito – em oposição ao conto, à lenda e à fábula – aparece quando elementos de fé, existentes no grupo, são apresentados com um cunho dramático mediante a criação de personagens e as ações destes que, embora extraordinários e sobrenaturais, não deixam de reproduzir os traços essenciais da imagem humana, que lhes serve de padrão (Schaden, 1959[1945]: 15).

Em suas explanações sobre os mitos, cita os chamados mitos eponímicos, que se referem “à personificação do nome da tribo”. Cita o trecho de Tylor (*Anthropology*, n. 11, pp. 122, *apud* Schaden, 1959: 17, nota de rodapé), pouco citado pelos pesquisadores atuais: “Dois irmãos

chamados Tupi e Guarani, viajando sobre o mar, chegaram ao Brasil, e com os seus filhos povoaram o país; mas um papagaio falador fez nascer a discórdia entre as mulheres dos dois irmãos, donde surgiu a desavença e a separação, ficando Tupi na terra, enquanto Guarani e a sua família emigraram para a região do La Plata”.

No último parágrafo do primeiro capítulo, Schaden introduz o leitor no objeto central do capítulo seguinte, remetendo-o à figura do herói que considera “como expressão e síntese da cultura do grupo, e, ao mesmo tempo, como recordação e ideal”.

O segundo capítulo, então, nos remete à caracterização da crença na existência de um herói mítico, mais propriamente de um herói civilizador, que ocorre em sociedades desprovidas de crenças em um “ser supremo”, ou seja, um Deus criador de todas as coisas. Cita Breysig (*apud* Ehrenreich, 1906: 600), segundo o qual o herói “é uma figura da tradição, da qual relata uma existência terrena na forma de homem ou de animal, a qual se atribuem poderes sobre-humanos já durante a sua vida terrena, e que, após o seu desaparecimento, se transforma na figura dum espírito de poderes muito elevados”.

Após uma longa discussão sobre a compatibilidade em uma mesma cultura da crença simultânea em um “ser supremo” e em um “herói mítico”, em que o segundo seria um enviado do primeiro, Schaden opta pela separação dos mesmos: “um dos critérios da diferenciação mais comum entre o ser supremo e o herói mítico é o de que o primeiro se distingue de preferência como criador do universo ou da terra, ao passo que o segundo figura apenas como transformador ou como criador de acidentes geográficos (montanhas, rios, rochedos etc.) ou de animais e plantas”.

Corretamente, Schaden evita generalizar suas conclusões para “todas as tribos indígenas da América”. Critica Baldus (1932: 286) quando esse “defende a opinião de que o espírito dos povos primitivos não chega a

formular a questão da origem do universo e da terra”. Alega que “a criação da terra constitui episódio importante do mito tribal dos Apopokuva”. Em nossa opinião, a preocupação cosmogônica dos Apopokuva, como a de vários grupos Guarani, se deve à intensa catequese dos missionários jesuítas.

Cabe acrescentar, na definição de herói civilizador formulada por Schaden, que o mesmo não é apenas o criador de acidentes geográficos, plantas e animais, mas, como acontece em vários mitos Xinguano ou Tupi, por exemplo, é também criador de seres humanos ou, até mesmo, de todo um povo.

Os demais capítulos do livro, que constituem estudos de caso entre diversos grupos indígenas brasileiros – Kadiweu, Bororo, Kaingang, Apopokuva e Munduruku –, comprovam a afirmação de Schaden (1959 [1945]: 35):

Em nossa opinião, o estudo do herói, ao invés de ser realizado de um modo geral, pretensamente válido para todas as culturas, deve retomar-se para cada caso em particular. Desde que cada cultura é um fenômeno único, com sua configuração peculiar decorrente da constelação de numerosos fatores, a figura do herói se torna compreensível somente em função do contexto cultural em que está integrada.

Vinte anos depois da publicação de *A mitologia heróica de tribos indígenas brasileiras*, Egon Schaden publicou *Aculturação indígena*, inicialmente o apresentando como tese em seu concurso de cátedra. Este livro, que tem como subtítulo *Ensaio sobre fatores e tendências da mudança cultural de tribos índias em contato com o mundo dos brancos*, teve duas edições. A primeira edição ocorreu em 1965, na *Revista de Antropologia*, periódico criado pelo próprio Schaden em 1953. A segunda ocorreu em 1969, em uma edição da editora Pioneira. Arbitrariamente, ou melhor,

por razão de ordem afetiva, preferi trabalhar com a primeira edição, apesar de ser um tosco e grosso volume, com uma capa dura palidamente colorida de rosa, pois ele me remete ao início de minha carreira e contém os grifos do que achei importante na época.

A intenção do Autor, como veremos, era a de estabelecer uma discussão sobre o conceito de aculturação, tendo como objeto o contato das diferentes tribos indígenas do Brasil com a sociedade nacional, tema este dominante na etnologia brasileira das décadas de 1940 a 1960. No entanto, pretendemos demonstrar que Schaden contribui, com seu texto, para a recuperação da história da etnologia brasileira na primeira metade do século XX, a partir do final do século anterior. É reconhecida a carência de uma história mais completa da antropologia brasileira, pois, na época em pauta, existia uma forte predominância das pesquisas etnológicas. Assim, consideramos o texto de Schaden uma valiosa contribuição para aqueles que aceitarem o desafio de realizar uma ampla pesquisa sobre a história de nossa área de conhecimento.

O livro é dividido em quatro partes, totalizando treze capítulos. A primeira parte, denominada “Introdutória”, contém apenas um capítulo: “Estudo de aculturação na etnologia brasileira”. Nesta nossa resenha tardia, vamos nos limitar a uma análise de sua proposta, deixando para os leitores interessados a consulta dos capítulos que utilizamos como exemplo. Schaden considera o pioneiro no emprego do termo “aculturação”, entre os índios brasileiros, o antropólogo alemão Paul Ehenreich – muitas vezes citado na obra a que nos referimos anteriormente –, que, em 1904, durante o *14º Congresso Internacional de Americanistas*, realizado em Stuttgart, “distingue determinadas províncias geográficas, com tribos diversas, mas aculturadas uma as outras” (Schaden, 1965: 14). Segundo ele, esta é a primeira vez que o conceito de aculturação é empregado na etnologia brasileira. Nessa mesma época, Karl von den Steinen já tinha publicado o resultado de suas observações realizadas vin-

te anos antes, na área do Xingu, um dos mais notáveis exemplos de um processo de aculturação intertribal. Schaden, no entanto, considera Max Schmidt o primeiro pesquisador a analisar o impacto do processo de aculturação decorrente da relação entre índios e brancos nessa área. Para ele, o importante na obra de Max Schmidt não são os magros resultados obtidos, “mas o fato de se reconhecer o assunto como tema de estudo etnológico e, mais ainda, a consciência do interesse prático do problema para o tratamento adequado dos materiais pelos invasores de origem europeia” (Schaden, 1965: 15). Considera, também, importante a tentativa, constatada por Max Schmidt, de uma reinterpretação dos objetos por parte dos indígenas. Feitas essas observações, concorda que os estudos sistemáticos sobre o processo de aculturação no Alto Xingu somente foram realizados por Eduardo Galvão nos anos 1950.

De um modo geral, segundo Schaden (1965: 17), “até 1937 os poucos autores que se aventuraram a falar da mudança cultural de indígenas no Brasil fizeram-no incidentalmente, à margem de outros assuntos, que lhes pareciam merecer maior atenção”. Escolheu essa data tendo em vista a publicação por Herbert Baldus de seu *Ensaio de Etnologia Brasileira*. Neste livro, Baldus (1937: 26) formulou conclusões precipitadas como “a maior parte do caráter brasileiro é o caráter Tupi”; contudo, Schaden reconhece que o importante, ao tratar concretamente os fenômenos de mudança, são os fatores ecológicos e socioculturais, e não qualquer tipo de disposição hereditária. Outra conclusão precipitada de Baldus, apontada por Schaden, foi a de considerar que “já estamos habilitados em concluir que estas tribos perderão também completamente a sua cultura se a relação com os brancos for permanente”. Setenta e sete anos transcorridos dessa afirmação, não podemos dizer que os Tapirapé – principal sociedade indígena pesquisada por Baldus – perderam completamente sua cultura. Esta sociedade indígena, como outras, se modificou, abandonou e incorporou muitos padrões, mas continuou sendo

uma forte identificadora de um grupo Tupi, com uma população muito maior do que a estudada por Baldus. É verdade que, ainda no livro em foco, Schaden afirmou que Baldus, em trabalhos mais recentes, parecia não mais acreditar na hipótese da extinção cultural.

O autor conclui essa parte do livro deixando bem claro que o termo “aculturação” somente passou a ser utilizado pelos etnólogos brasileiros a partir do célebre “Memorial de 1936”, firmado por Redfield, Linton e Herskovits.

Nas páginas seguintes, Schaden construiu um excelente relato do desenvolvimento da pesquisa etnológica no Brasil, citando um importante conjunto de novos pesquisadores brasileiros, entre eles Fernando Altenfelder, Eduardo Galvão, Darcy Ribeiro e Roberto Cardoso de Oliveira.

Consideramos interessante destacar a análise de Schaden (1965: 34) das tentativas realizadas por antropólogos brasileiros de “estabelecer uma tipologia das situações de contato entre os grupos nativos e os representantes de nossa cultura”. Nosso destaque prende-se ao fato de que a grande parte dos antropólogos considera apenas a tipologia desenvolvida por Ribeiro (1957) e ignora totalmente as demais tentativas.

O primeiro trabalho citado é o de Baldus (1945: 281-283), que estabeleceu duas categorias básicas, o contato direto e o indireto, cada uma delas subdivididas em duas outras, o contínuo e o intermitente. A crítica de Schaden é que Baldus não levou em conta as inúmeras possibilidades de variação contidas nas categorias relacionadas.

Dois anos depois de Baldus, Donald Pierson e Mário Wagner Vieira da Cunha (1947-1948) estabelecem uma nova tipologia, que foi dividida em nove categorias:

- 1) em contato contínuo com representantes de nossa cultura (com núcleos de missionários, postos militares, postos de funcionários do governo,

povoadores); 2) em contato regular, mas intermitente; 3) em contato ocasional; 4) sem contato algum; 5) divididos pela invasão dos brancos, em unidades menores, já sem contato entre si; 6) divididos em subgrupos sujeitos a diferentes condições de contato; 7) em contato regular com representantes de outras tribos em processo de aculturação, mas com pouco ou nenhum contato com brancos; 8) em contato prolongado com índios de cultura diferente; 9) em contato ocasional ou contínuo com portadores de cultura africana e, às vezes, simultaneamente com outros, de cultura europeia.

Schaden criticou essa tipologia pela falta de um critério geral de classificação, mas considerou “o mérito de mostrar a dificuldade do problema”. Embora tenha comentado, em seguida, as ideias de Darcy Ribeiro (1957) em “Culturas e línguas indígenas” sobre as consequências do contato, não faz nenhuma referência à classificação da tipologia de contato desenvolvida pelo mesmo. O estranhamento se deve pelo fato de que essa tipologia passou, a partir de então, a ser aceita pela maioria dos antropólogos brasileiros. O interessante, também, é que Darcy não fez nenhuma menção às tipologias anteriores.

Schaden terminou a introdução com a análise dos projetos de pesquisa em áreas indígenas já realizados, ou em andamento, até os primeiros anos da década seguinte. Os capítulos do livro, como já foi dito, consistem em uma análise de estudos de processos de aculturação, em que o autor utiliza seus próprios dados e os de vários autores.

Finalmente, passamos a nos referir ao terceiro livro, resultante de sua tese de livre-docência defendida na USP em 1954: *Aspectos fundamentais da cultura Guarani*. Esta tese foi o resultado do longo trabalho de campo de Schaden entre os Guarani, iniciado em 1946, e que se prolongaria pelos próximos trinta anos:

Fiz diversas visitas a três aldeias indígenas do litoral paulista: Rio Branco, Bananal e Itariri, além disso tive diversos contatos com índios dessas aldeias nas cidades de São Vicente e São Paulo. Não estive na atual aldeia do Rio Comprido (Serra do Itatins), mas conheci os seus moradores, quando ainda viviam no Itariri. Trabalhei também no Posto Indígena Curt Nimuendajú, antigo Araribá, nas proximidades da cidade de Bauru, e colhi algum material entre os Guarani da Palmeirinha (Baixo Iguaçu, no oeste paranaense), como também entre os da Laranjinha na região de Xapecó, no “far-west” de Santa Catarina. Convivi com índios da tribo, especialmente do subgrupo Kayowá, em diversos núcleos do sul-mato-grossense: Dourados, Panambi, Amambaí, Taquapiri e Jacareí, este último de famílias do subgrupo Ñandéva [...] (Schaden, 1974: 7-8).

Schaden teve, assim, a oportunidade de conhecer todos os três subgrupos Guarani: Kayowá, Ñandéva e Mbiá. De maneira oportuna, observou a ausência de um sentimento de unidade entre esses três grupos: “cada um dos subgrupos procura acentuar e exagerar as diferenças existentes, a ponto de se criticarem e ridicularizarem uns aos outros” (Schaden, 1974: 9).

Ao contrário dos antropólogos atuais, que preferem concentrar o trabalho de campo em uma determinada aldeia, Schaden preferiu realizar um extenso “*survey*”, o que torna o seu livro muito útil para os pesquisadores atuais. De fato, nos últimos trinta anos, a situação dos Guarani sofreu fortes modificações. Um enorme crescimento populacional aumentou a demanda pela recuperação de terras perdidas para o branco. O sul do Mato Grosso do Sul transformou-se em uma região de sérios conflitos fundiários. Marçal de Souza, um dos principais informantes de Schaden, foi assassinado pelos brancos e é hoje um dos mártires do grupo. A pequena aldeia de Dourados, visitada por Schaden, transformou-se em uma grande aldeia, praticamente urbana, com cerca de 15

mil habitantes, conhecida pela enorme tensão social determinante de uma alta taxa de suicídios, homicídios e com sérios problemas de drogas e alcoolismo. Por outro lado, os Mbiá, famosos pelas suas constantes buscas da “terra sem males”, ampliaram o limite norte de suas peregrinações, ultrapassando o estado do Espírito Santo.

Em contrapartida a esse quadro desolador, ocorreram mudanças positivas: um significativo número de jovens ingressou no ensino superior e um Kayowá é hoje aluno no Programa de Pós-Graduação do Museu Nacional no Rio de Janeiro. Organizações indígenas articulam com mais eficiência as estratégias de luta em defesa dos territórios Guarani. Apesar do constante assédio de numerosas religiões, existe uma forte revitalização das crenças tradicionais.

Por tudo isso, esse livro deve continuar sendo uma forte referência aos jovens pesquisadores do maior grupo indígena do Brasil atual, possibilitando, ainda, uma análise da permanência dos principais elementos fundamentais da cultura Guarani, tão bem destacados por Egon Schaden.

Referências bibliográficas

BALDUS, Herbert

- 1932 “Die Allmutter in der Mythologie zweier südamerikanischer Indianerstämme (Kágaba und Tumerehã)”. In *Archiv für Religionswissenschaft*, Leipzig, XXIX, pp. 285-292.
- 1935 “Sprachproben des Kaingang von Palmas”. In *Anthropos – Internationale Zeitschrift für Völker- und Sprachkunde*, XXX, pp.191-202, Mödling bei Wien.
- 1939 “Ensaio de etnologia brasileira”. In *Brasíliana*, São Paulo, vol. 101.
- 1945 “Possibilidades de pesquisas etnográficas entre os índios do Brasil”. In *Acta Americana*, México, vol. 3, pp. 283-286.

EHRENREICH, Paul

1905 "Die Mythen und Legenden dei Südamerikanischen Urvolker und thre Beziehungur zu denen Nordamerikas und der alten Welt". In *Zeitschrift für Ethnologie*, Berlim, vol. 37.

1906 "Götter und Heibringer". In *Zeitschrift für Ethnologie*, Berlim, vol. 38, pp. 536-610.

FRAZER, James George

1931 *Mythes sur l'origine du feu*. Paris, Payot.

LÉVI-STRAUSS, Claude

1955 "The Structural Study of Myth". In *Journal of American Folklore*, vol. 68, n. 270.

METRAUX, Alfred

1931 "Les hommes-dieux chez les Chiriguano et dans l'Amérique du Sud". In *Revista del Instituto de Etnologia de La Universidade Nacional de Tucuman*, Tucuman, II, pp. 61-91.

NIMUENDAJÚ, Curt

1914 "Sagen Von der Erschaffung und Verichtung der Welt ala Grudlagen der Religion der Apopocuva-Guarani". In *Zeitschrift für Ethnologie*, Berlim, vol. 46, pp. 284-403.

1915 "Sagen der Tembé Indianer". In *Zeitschrift für Ethnologie*, Berlim, vol. 47, pp. 301-381.

PEREIRA, João Baptista Borges

1994 "Emilio Willems e Egon Schaden na história da Antropologia". In *Revista de Estudos Avançados*, São Paulo, USP, n. 22, pp. 249-254.

PIERSON, Donald; CUNHA, Mário Wagner Vieira da

1947-1948 "Pesquisa e possibilidades de pesquisas no Brasil". In *Sociologia*, São Paulo, vol. 9, pp. 234-256, pp. 350-378; vol. 10, pp. 1-18.

REDFIELD, Robert; LINTON, Ralph; HERSKOVITS, Melville Jean

1936 "Memorandum for the Study of Acculturation". In *American Anthropologist*, vol. 38, pp. 149-152.

RIBEIRO, Darcy

1957 “Culturas e línguas indígenas do Brasil”. In *Educação e Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 6, pp. 5-102.

SCHADEN, Egon

1959 *Aculturação indígena: ensaios sobre fatores e tendências da mudança cultural de tribos índias em contato com o mundo dos brancos*. São Paulo, Pioneira.

1974 *Aspectos fundamentais da cultura Guarani*. São Paulo, EPU/Edusp.

1989[1945] *A mitologia heroica das tribos indígenas do Brasil*. São Paulo, Edusp.